

# A MULHER IDOSA DA VILA DE SANTA LUZIA: UM ENSAIO SOBRE IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS\*

Daniella Rodrigues de Farias\*\*

## 1. Introdução

Neste estudo<sup>1</sup> sobre a identidade da mulher idosa da Vila de Santa Luzia (comunidade de baixa-renda localizada no bairro da Torre, Recife, às margens do rio Capibaribe), tentei compreender a forma como as representações sociais sobre a velhice, presentes naquele contexto, explicitadas, compartilhadas e endossadas através do discurso das informantes, contribuem para o seu autoconceito, aqui tomado como um dos possíveis vieses e modos de expressão identitários.

Para tanto, optei por uma perspectiva mais hermenêutica/interpretativa, buscando, desse modo, o sentido dos fenômenos apreendidos por intermédio da

interlocução com algumas das mulheres idosas daquela comunidade. Parte delas foi previamente indicadas pela Associação de Moradores da Vila, e através destes primeiros contatos, foi portanto tecida uma rede de relações (técnica da "bola de neve", onde uma informante me apresentava à outra possível colaboradora, e assim por diante) que facilitou o acesso e a realização das trinta entrevistas previstas — todas semi-abertas —, bem como a coleta de cinco "histórias de vida". Da mesma maneira foi fundamental à compreensão dos fatores influentes naquele contexto o acompanhamento de um grupo de idosas, desenvolvido no Caic da comunidade, que

\* Agradeço as sugestões e críticas de Adélia Branco, Diretora do Departamento de Estudos sobre o Meio Ambiente e Morvan Moreira, diretor do Departamento de Estudos Populacionais, da

Fundação Joaquim Nabuco, orientadores deste trabalho.

\*\* Ex-estagiária da Fundação Joaquim Nabuco, mestranda em Antropologia pela UFPE.

contava com uma média de oito participantes, algumas delas fixas, onde eram discutidas, em geral, questões relativas à afetividade, à saúde psíquica e somática e, é claro, à realidade da comunidade.

Vejamos, portanto, como compreendi e articulei as principais categorias deste trabalho, a saber, os conceitos de identidade e de representação social, com o material coletado no campo.

## 2. Identidade: morada única do particular e do Humano-Genérico

A identidade é uma categoria de análise útil ao entendimento das vicissitudes experimentadas pelo ser humano no decorrer de sua vida e, do mesmo modo, importante à compreensão de como são estabelecidas suas relações interpessoais.

Essa dialética que aí se observa entre o individual e o coletivo revela-se no conceito de identidade sugerido por Brandão:

Uma categoria ideológica, uma representação social. Deste modo ela existe na encruzilhada onde as sociedades e suas culturas articulam, ao longo da história da organização social e simbólica de sua vida material, as suas relações de poder, de amor, de parentesco com as representações que a partir daí elas fazem do mundo e de suas existências individualmente coletivas. (Brandão, 1986, p.27-28)

Uma das formas de se observar essa relação entre o individual e o coletivo, é a apreensão dos fenômenos produzidos no indivíduo mediante a sua participação num grupo. Uma peculiaridade relacionada ao grupo, é o fato de, mesmo tendo em seu interior uma diversidade de pessoas, estas acabam criando um tipo de alma coletiva, onde os indivíduos nele inseridos agem, muitas vezes, de maneira distinta da forma como fazem ao estar sozinhos, tomando para si a identidade do grupo. O próprio Durkheim (1978, p.192) sugere que, juntas,

as pessoas “formam um ser psíquico de uma nova espécie que, por conseguinte, tem a sua própria maneira de pensar e de sentir”.

Assim, em face desse vínculo com o grupo, dar-se-ia portanto a construção de identidades através do confronto entre o eu e o não-eu ou, em outras palavras, por intermédio da dinâmica adoção *versus* exclusão de elementos de outrem.

Segundo Carneiro da Cunha (1975, p. 94 apud Brandão, 1986, p.33):

(...) a individuação, e entendemos por aí a assunção de valor significativo por um indivíduo, elemento de um sistema, passa justamente e depende de suas relações com outros elementos, de sua inserção no sistema global. Dentre essas relações, duas podem e costumam ser privilegiadas, a de oposição por um lado, a de semelhança por outro (...). O indivíduo se instaura por assim dizer à intersecção de ambas pelo duplo jogo de espelhos que lhe devolve sua imagem ao mesmo tempo que o reflete, inverso do seu inverso, em especulação que o circunscreve e afirma.

Nesse jogo entre o eu e o não-eu é que o sujeito vai constituindo sua identidade. Neste trabalho, foram privilegiadas as representações sociais, a partir da idéia de que elas podem constituir-se num dos padrões culturais a nortear esse processo, quando introjetadas e/ou acatadas pelas pessoas ou grupos culturais. Vejamos, portanto, qual o significado que damos à expressão representação social, no intuito de que se torne mais clara a sua participação nos processos de construção identitária e, conseqüentemente, a delineação das identidades das mulheres idosas da Vila de Santa Luzia, que propusemos.

Segundo Moscovici (1978), a representação social é uma forma que as pessoas encontram de dar sentido aos fenômenos mundanos por intermédio da comunalização ou socialização de uma idéia. Essa socialização é possível, segundo aquele autor, porque a representação social se faz representar como imagem e linguagem, sendo, assim, algo

A mulher idosa da Vila de Santa Luzia: um ensaio sobre identidades e representações sociais

Daniella R. de Farias

que simboliza e que, ao mesmo tempo, comunica uma direção, o sentido de um ato ou de uma conduta. Nesse sentido:

No final das contas, ela produz e determina os comportamentos, pois define simultaneamente a natureza dos estímulos que nos cercam e nos provocam, e o significado das respostas a dar-lhes. Em poucas palavras, a representação social é *uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos* (grifos do autor). (Idem, p.26)

A imagem é introjetada e serve como referencial ao que é devolvido. Além disso, carregada de todo um sentido, passa a indicar possíveis caminhos às pessoas dentro da sociedade, sendo, portanto, através delas que as pessoas se comunicam e agem. O problema é que, na maioria das vezes, as representações sociais são reificadas, ou seja, percebidas pelos indivíduos e grupos como desprovidas de um sentido histórico. É aí, então, que podem prestar-se aos fins ideológicos das classes dominantes. A propósito, esse caráter ideológico da representação social ficará mais claro quando forem discutidas as significações dadas à velhice pelas mulheres idosas da Vila de Santa Luzia.

### 3. O Diálogo entre as Representações Sociais e o Sujeito

O ser humano é constituído pela dialética entre o particular, que é representado pelas premissas do sujeito moderno, ou seja, "a unicidade e a irrepetibilidade" (Heller, 1970, p.20), e o genérico, entendido como o coletivo e aqui delimitado às representações sociais. O particular expressa com propriedade o que é genérico, isto é, empresta-lhe um pouco de seu colorido ao devolvê-lo à sociedade.

Entretanto, segundo Heller (1970), em sua maioria, as possibilidades particulares ou genéricas não são conscientemente escolhidas, já que, ao nascer numa

determinada realidade à qual é atribuído um caráter de imanência, o indivíduo tende a deslocar esse adjetivo para todas as formas de expressão daquele contexto, subtraindo-lhe automaticamente o seu caráter histórico. Apesar disso, para essa autora, em nenhuma proporção, o humano-genérico significa a anulação do particular/individual e vice-versa.

Continuando à luz de Heller (1970), na vida cotidiana é corriqueiro tomar-se o correto pelo verdadeiro, já que o correto é aquilo que facilita o situar-se e o deslocar-se dentro das mais diversas experiências a que o ser humano é submetido. Pode-se supor que as representações sociais nem sempre correspondam à realidade objetiva, ou à sua verdade, porém, viabilizam o movimento humano ao serem generalizadas, sendo, por este motivo, tidas como corretas, por representarem os interesses do grupo a que pertence o indivíduo ou os interesses de quem o aliena. As próprias representações sociais podem ser resultantes desse movimento, que, por sua vez, leva-as a um processo de reificação e impregna-as de valores e desvalores, classificando-as dentro dos padrões "normais" ou não, tornando-se, portanto, precedentes ou não.

O precedente é, para Heller (1970), um modelo que se toma como referência na estrutura consuetudinária, e que é utilizado através da imitação (no intuito de se antecipar um fato), visto que o pensamento e a conduta cotidianos são empíricos, baseando-se, pois, na experiência. Por intermédio dos precedentes, que, neste trabalho, revelam-se como representações sociais sobre a velhice — e a partir da imitação —, edifica-se a alienação da vida cotidiana sob a forma de estereótipos, analogias, preconceitos, entre outros, de modo que, a si mesmo ou ao outro, só é permitido um campo de possibilidades restrito, com pouca ou nenhuma variância.

Todavia, essa imitação não significa necessariamente que haja passividade,

mas, como diria a autora, é um movimento através do qual o indivíduo apropria-se da história. Tendo em vista tudo isso, vejamos, a partir de agora, as representações sociais acerca da velhice apreendidas junto a mulheres idosas da Vila de Santa Luzia.

#### 4. As Significações à Velhice na Vila de Santa Luzia: os discursos das idosas

Fazendo portanto uso do conceito de representação social moscoviciano, por intermédio do qual pude compreendê-la como um dos tripés da identidade grupal ou individual, delimitei, junto às mulheres entrevistadas na Vila de Santa Luzia e às definições de velhice que elas deram, a representação social sob a forma passiva ou repetitiva, que é aquela em que o indivíduo a vivencia de forma mimética, sem impor-lhe maiores questionamentos. Ao introjetarem e tomarem como suas e, conseqüentemente, válidas para si, tais representações oferecidas pela sociedade e/ou sistema, além de limitarem-se a viver de acordo com um papel preestabelecido ou, como diria Heller (1970), a viver de acordo com precedentes, essas pessoas acabam fechando para si outras possibilidades.

Pude, portanto, delimitar, a partir disso, quatro significações que foram utilizadas por estas mulheres como principais justificativas — ou âncoras — identitárias da velhice: uma significação diacrônica; uma significação ocupacional; uma significação somática; e, finalmente, uma significação relacional, que serão esclarecidas a seguir.

##### 4.1. A Significação Temporal

A significação temporal diz respeito à consciência e à percepção valorativa das experiências ao longo da vida da pessoa e/ou do tempo percorrido até então. É um olhar panorâmico ao passado, que desliza

até o presente e se projeta no futuro, trazendo consigo sentimentos análogos aos apreendidos nos seus discursos, como, por exemplo, o de ser feliz pelos próprios feitos; o de estar satisfeita pelo privilégio de envelhecer ante as adversidades que enfrentou até agora; a frustração em face da impossibilidade de empreender projetos como na juventude; o sentimento de ter chegado ao fim; e o de viver pensando e repensando sua vida.

Poder-se-ia dizer que essa percepção temporal demarca, como supõe Heller (1970:p.3): "(...) a irreversibilidade dos acontecimentos — já que, como diz tal autora —, o tempo histórico é a irreversibilidade dos acontecimentos sociais" e — por que não —, dos acontecimentos individuais. Vejamos o seguinte depoimento de C., 60 anos, sobre como é ser idosa:

Sessenta anos não é dois dias nem três, não é? A idade está muito avançada. Tenho que pensar na idade mesmo, até quando aquele lá de cima quiser, não é isso? Fiquei viúva há muito tempo, criei meus filho sozinha, na cozinha dos outros. Hoje em dia, tem um casado ali, tem outro casado lá, e tem outra família no Cordeiro e tem outra na Detran. Tudo eu criei na cozinha dos outro (...), o pai a gente se deixemo. (...) E lá vai o tempo todinho, aí eu fui criando e já casou-se tudo, tá vendo, minha filha? Só tem essa solteira aí...

Nota-se, neste discurso, a percepção do movimento ontogenético, das perdas e conquistas, e, dentre elas, elementos que remetem às questões de gênero, pois destacam a missão cumprida de uma mãe que soube criar os seus filhos e encaminhá-los às suas próprias famílias. Assim, o que esta mulher é (presente), é uma continuidade do que ela foi (passado), fazendo com que a apreensão do pretérito torne-se possibilitadora do presente, ao mesmo tempo em que lhe imprime um significado.

Portanto, essa percepção temporal conduz à apreensão do vivido, social e ontogeneticamente, como sendo algo que,

A mulher idosa da Vila de Santa Luzia: um ensaio sobre identidades e representações sociais

Daniella R. de Farias

apesar da dificuldade de ser revivido, dadas as mudanças nos contextos e a ausência de seus atores, deixa marcas por ser entendido a partir de experiências carregadas de valores e desvalores, que constituem o que o sujeito é na atualidade — através de uma Memória-Ser.

A atribuição desses valores ou desvalores resulta da avaliação ante as escolhas realizadas até então. Segundo Heller (1970), quanto mais possibilidades determinarem uma opção, maior o seu poder axiológico. Isso conduz ao conceito de Ciampa (1987) de identidade, o qual relaciona-se com a possibilidade de fazer escolhas ao longo da vida do sujeito e, por conseguinte, com a propriedade sobre sua própria existência. Esta questão da atribuição de desvalores às escolhas do passado fica claro na seguinte declaração sobre a velhice:

É uma diferença total da vida de adolescência. Uma parte é tranqüila, outra é de muito pensamento. A gente precisa elevar muito o pensamento para o alto. Não é mole, não, pra pessoa ir-se aproximando a idade... Boa é a fase da adolescência; tem sofrimento também, mas é muito melhor que agora. A gente não pensava em nada, agora pensa. É, naquele tempo, os pai da gente orientava a gente à verdade, à verdade, e a gente não ligava. Agora a gente tá vendo, né? Como era importante eles orientar a gente! A gente fizemo muita besteira — todas elas — fizemo muita besteira, sofremo muito por causa das besteira que a gente fizemo. (A., 61 anos)

E, neste sentido, para Beauvoir (1990), os sujeitos idosos teriam dificuldade em acatar mudanças, porque elas poderiam ter um efeito avassalador sobre o que construíram e no que acreditaram até então, de modo que "acontecimentos insuperáveis lhes parecem um desmentido de toda uma existência" (Beauvoir, 1990: p.508).

Assim, como sugere Martins (1996), a Memória-Ser, que é impregnada de valores positivos ou negativos, tem uma utilidade: a de dar sentido àquilo em que a pessoa se

tornou, ou de teimar em ser o que foi, mesmo em circunstâncias diversas. Nesse caso, a imagem que se dá à velhice, nesta significação, é semelhante à imagem-tempo de Deleuze (1990, p.102, apud Martins, 1996, p.27 - N.R.):

a imagem atual do presente que passa e a imagem virtual do passado que se conserva: distintas e, no entanto, indiscerníveis, pois não se sabe qual é uma palavra e qual é a outra'.

#### 4.2. A Significação Ocupacional

A significação ocupacional, revela a compreensão da velhice — através das mulheres idosas entrevistadas — como o momento do parar de trabalhar, seja essa parada voluntária ou não, e com o fato de não mais conseguir empregar-se, seja devido à exclusão social ou às próprias limitações físicas (note-se aí, uma interface com a significação somática, referente à decadência do corpo, que será examinada mais adiante), que trazem consigo a dureza da luta pela aposentadoria e/ou da luta pela sobrevivência.

No discurso das entrevistadas, destacou-se o fato de a aposentadoria ser entendida como o supracitado afastamento do mercado formal ou informal de trabalho, fazendo com que esse afastamento passe a designar um marco que delimita a meia idade em face da velhice, de modo que as informantes de pouco mais de cinquenta anos se incluíam também nessa faixa etária. Assim, das trinta informantes abordadas, 21 mulheres tinham acima de sessenta anos (dentre elas: 12 aposentadas, 3 pensionistas, 5 sem fonte de renda e apenas 1 trabalhando) e 9 tinham menos de sessenta anos (dentre estas: 3 aposentadas por invalidez, 2 pensionistas, 4 sem fonte de renda e nenhuma trabalhando).

Prosseguindo com esta análise, o parar de trabalhar traz à mulher de meia-idade a representação do envelhecimento, pelo fato de não atender mais às expectativas de

produção da estrutura econômica, de modo que o relato de ambas as situações (referentes às mulheres idosas de menos de sessenta e de mais de sessenta anos) denota em relação a essa exclusão, a presença de sofrimento mental, como demonstra o seguinte depoimento:

Eu me aposentei com 30 anos. Pra mim é péssimo, é péssimo! Já pensasse ser aposentada por doença? Eu poderia tá trabalhando, não é? (...) Eu pedi pra voltar pro trabalho, mas eles acharam que eu não devia voltar... Aí, eu me aposentei, mas eu não queria essa vida pra mim. Não me acostumo nada, não me acostumo mesmo! Já pensasse se eu tivesse trabalhando? Eu tava ganhando mais que esse salário mínimo, entendeu? (E., 57 anos)

Esse incômodo — esse sofrimento — persiste não apenas porque o trabalho gera recursos materiais para a manutenção do bem-estar das pessoas, mas porque ele próprio é uma dos fatores que dão forma e colorido à identidade humana, acarretando vários ônus diante da sua privação. Isso ocorre, como sugere Costa (1989), porque a identidade de cada indivíduo é constituída por vários sistemas agrupados, como o de classe, o sexual, o religioso, o profissional, dentre outros, de modo que o conflito subjetivo (revelado pelo incômodo diante de uma determinada situação), que é identificatório, pode-se dar em qualquer um desses vários sistemas do "eu", sendo, portanto, fruto da discordância entre alguns, da rigidez de um deles ou da distância entre o que o sujeito planejava para si e a realidade objetiva.

Percebe-se então, que o trabalho, além de ser o produtor de uma das maiores expropriações a que está sujeito o ser humano, a *mais-valia*, é um constituidor de identidades; a sua presença, de uma forma ou de outra, ou, ainda, a sua ausência deixam marca, inexoravelmente. Assim, o trabalho se apresenta como um dos grandes pilares onde se produzem e sobre os quais se apoiam as identidades e/ou as relações identitárias, por ser fonte de vida

material e subjetiva, dialeticamente.

E se a saída do mercado de trabalho for antes do prazo para a aposentadoria por tempo de serviço (que se dá aos 65 anos), a situação é, por conseguinte, ainda mais crítica, porque, além da dificuldade em retornar ao mercado de trabalho, há que se esperar até a idade exigida para obter a aposentadoria, como é o caso de oito das mulheres entrevistadas, que não têm fonte de renda, o que as leva a depender de filhos ou outros parentes, além da iminência da fome, perceptível neste comentário de A., 62 anos: "*é muito ruim não ter o que comer*". A esse respeito, fala E., 57 anos, dizendo o porquê de se achar idosa com menos de sessenta anos:

Hoje em dia, a pessoa com quarenta anos já é idoso pra sociedade, entendeu? Então, eu me acho, eu me acho até mais que idoso, já. (...) Ah! mas se a sociedade acha que uma criatura com quarenta anos não tem mais condições de arranjar emprego no comércio porque já é velho, imagine com 57 anos. Pra sociedade, quer dizer que você já é velha, num serve mais pra nada. Entendeu?

Dentre as trinta mulheres aqui analisadas, apenas uma ainda trabalha: C., 60 anos, que vende milho numa praça nas redondezas, saindo de casa, cotidianamente, às 14 horas e voltando, em geral, às 21 horas. Vale salientar que ela é protestante, e como propunha a ética protestante, segundo Weber (Cf. Albornoz, 1988), o trabalho seria uma dádiva divina e uma oportunidade para servir a Deus. Vejamos o que disse essa mulher sobre como se sente sendo idosa:

Me sinto bem, durmo bem, converso bem, trabalho bem. Eu só fico dentro de casa quando eu tô com gripe. Pergunta à minha vizinha aí... Ela faz: 'C., tu sai dessa carroça...'. Eu digo: 'Um dia, nosso Senhor vai me tirar da carroça com a vida!'(...) É muito bom, minha filha, a gente ser evangélico. (...) Não tenho preguiça pra nada. (...) Essa carroça [em que vende milho] é de meu Jeová, é. Ela é abençoada do Espírito Santo.

A mulher idosa da Vila de Santa Luzia: um ensaio sobre identidades e representações sociais

Daniella R. de Farias

Assim, em sua maioria, a velhice é deflagrada pelo adoecer e a aposentadoria por invalidez, ou pelo sentimento de não poder mais dar conta do trabalho, ou, ainda, de não conseguir mais arranjar emprego, com a agravante de, nestes dois últimos casos, ter que aguardar a idade de sessenta e cinco anos para aposentar-se. O pior de tudo é que, além de se sentir inútil na vida pública, como o homem nessa idade excluído do mercado de trabalho poderia se sentir, a mulher idosa sente-se inútil também, na vida privada, isto é, dentro de casa, posto que o trabalho ao qual se dedica, que é a criação dos filhos, se encerra com o seu crescimento (vê-se aí um cruzamento com a significação relacional), o que se soma à questão de ter dificuldades ante as limitações físicas, de cuidar dos afazeres domésticos. A partir daí, institui-se a luta pela aposentadoria propriamente dita, aquela que designa os direitos do(a) ex-trabalhador(a), como no caso de J. (66 anos):

Ah! eu já podia tá aposentada, descansada. Numa luta triste dessa, luta grande, tive uma luta horrível! Ainda bem que ando de ônibus de graça. Não tirei a carteirinha, mas ando. Isso é um sofrimento horrível: eu, com 66 ano, ainda lutando pra se aposentar. Eles dão uma moleza horrível!

Diante disso, percebe-se que a velhice na mulher da Vila de Santa Luzia retrata bem a idéia de Beauvoir (1990), segundo a qual esse período seria uma continuidade daquilo que foi a vida do indivíduo, dependendo também dos projetos que delineou para si mesmo e de sua amplitude, que estão diretamente relacionados ao trabalho que desenvolveu, de modo que os sujeitos das classes trabalhadoras estariam condenados a ter uma velhice mais difícil porque foram mais explorados física e economicamente, sendo usurpados em sua mais-valia e seu desejo. E, o que é pior, se eles se sentem usurpados a essa altura da vida, é porque sempre o foram:

Se o aposentado fica desesperado com a falta de sentido de sua vida presente, é porque o sentido de sua existência sempre lhe foi roubado. (Idem, p.663)

### 4.3. A Significação Somática

Segundo Beauvoir (1990), há três formas de a pessoa encarar a chegada da velhice: a primeira é negando-a, numa tentativa de defender-se de todos os estigmas a ela atrelados; a segunda é assumindo-a com todas a suas perdas, e exacerbando-as, para, a partir delas, conseguir obter algum lucro, como, por exemplo, se eximir, através de seus problemas, de determinadas exigências; e a terceira é assumindo uma postura ambivalente, ora assumindo, ora negando, no jogo da subjetividade — composta maioritariamente por um inconsciente hedonista que desconhece qualquer noção de temporalidade — *versus* a objetividade, que é a realidade comum a todos.

Entretanto, dentre as quatro significações dadas à velhice na Vila de Santa Luzia, a somática, que deriva de um olhar crítico para as mudanças no próprio corpo e para as limitações que, em maior ou menor grau, a velhice impõe — por exemplo, a impossibilidade de continuar trabalhando, a tristeza diante da perda do vigor e da beleza juvenis, o surgimento de doenças que são mais comuns nessa fase e a freqüência de patologias psicossomáticas — é, aparentemente, a mais difícil de ser negada, porque suas vicissitudes expressam-se no corpo, podendo, por isso, causar um certo estranhamento pelo fato de não coincidir com as outras significações, como se deduz do seguinte comentário de J., 65 anos: “a carne é velha e o espírito é novo”, que revela e reforça o (velho) antagonismo entre o corpo e a “alma” (leia-se: subjetividade). Segundo Heller (1970),

O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana na sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (Idem, p.18)

A Mulher Idosa da Vila de Santa Luzia: um ensaio sobre identidades e representações sociais

Daniella R. de Farias

Porém, com inegáveis limitações físicas e/ou psíquicas, a pessoa idosa acaba perdendo, sob o olhar da sociedade e de si mesmo, a capacidade de autogerir, de uma forma tal que muitas vezes, como citado anteriormente, esses sujeitos são tidos como crianças — como se houvesse um processo de involução — dado o nível de dependência a que alguns chegam e à perda de habilidades que constituiriam aquela maturidade, habilidades essas que derivaram, segundo a autora, da "assimilação da manipulação das coisas" e da "assimilação das relações sociais" (Idem: p.19). Essas assimilações, constituintes da maturidade, ocorreriam dentro do grupo, sendo por ele legitimadas. As perdas relacionadas à significação somática podem ser rapidamente observadas no seguinte depoimento onde a velhice é percebida como uma doença:

A velhice é uma doença! Grande diferença quando eu era nova pra cá... quando mais nova, eu era nova, mocinha nova de catorze, quinze anos, vinte, as coisas de pobreza era muito mais pior que agora (...) mas era muito melhor do que agora, porque ao menos era nova e ia pra frente. Agora... depois de velho, né? Doente, cansada, cansada... e é assim, nunca pensei, na velhice ter uma vida tão sem graça como tô nela. (J., 66 anos)

Para aqueles que a pessoa idosa encontra freqüentemente, nada mudou em sua fisionomia ou em seu jeito; para os que a vêem de forma esporádica, a velhice abateu-lhe. Pode ser o início de uma crise referencial, uma crise de identidade. Desconhecendo-se, o sujeito não consegue mais obter os ganhos narcísicos que provinham de seu corpo através da gerência de sua própria vida, de seu trabalho, de sua vitalidade física, da beleza da juventude. O corpo passa então a ser mais sinônimo de desprazer do que o inverso. E os interesses hedonistas do ser humano perdem mais uma de suas (parcas) possibilidades. De acordo com Freud (1930, p.84-85)

(...) nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens.

Essa decadência do corpo salientada por Freud, como uma das formas de infelicidade para os seres humanos, revela-se no seguinte discurso:

Eu não gosto nem de olhar no espelho. (P., 86 anos)

Somando-se a tudo isso, há a questão das morbidades psicossomáticas, que podem levar a um envelhecimento precoce e ao afastamento do trabalho, que, não existindo mais como fonte de satisfações concretas (mesmo que precárias) e simbólicas<sup>2</sup>, pode facilitar o surgimento de outras doenças, e assim sucessivamente — note-se aí um elo com a significação ocupacional.

Daí então, segundo Dejours (1987), na ausência dessas satisfações provenientes do trabalho, surgiria o sofrimento psíquico, nascidos das ansiedades que gera, como aquela relativa à degradação do organismo, que, em relação ao trabalho, seria resultante da oposição entre as condições de trabalho e os limites físicos (e conseqüentemente psíquicos) do ser humano, e que, nesse caso, poderia ser levado para compreender o sentimento de decadência do corpo a que muitas se referem depois da ociosidade.

E há a ansiedade gerada pela disciplina da fome, relativa ao medo de perder a fonte material de sobrevivência, pois, sem o seu trabalho, o sujeito está fadado à fome, à doença, à morte, e que poderia ser estendida para o fato de que trabalhando, às vezes se consegue um reforço no orçamento. Assim, observou-se que se a

A mulher idosa da Vía de Santa Luzia: um ensaio sobre identidades e representações sociais

Daniella R. de Farias

aposentadoria não for deflagrada pela doença, que, junto a essas mulheres da Vila de Santa Luzia, tornou-se uma metonímia da velhice, o parar de trabalhar acarreta patologias em maior ou menor grau.

#### 4.4. A Significação Relacional

A significação relacional diz da importância das relações estabelecidas durante a velhice por aquelas mulheres da Vila de Santa Luzia, relações essas que podem tornar-se fonte de algum sentido para as suas vidas e, do mesmo modo, configuram as suas identidades — no jogo eu *versus* não-eu, citado anteriormente.

Dentre os dados apreendidos nas entrevistas e que levam à menção dessa significação, merecem destaque: o sentimento de serem bem tratadas; a possibilidade de conversar com todos na comunidade; a solidão de algumas, e, em outras, a ambivalência diante do prazer pela liberdade adquirida com o crescimento dos filhos; e a “partida” destes para constituírem as próprias famílias. As informantes, em sua maioria, disseram ser bem tratadas, justificando isso como um *feedback* pelo tratamento que elas destinam às pessoas que as rodeiam.

Por sua vez, outras mulheres justificaram o bom tratamento recebido na comunidade pelo fato de elas próprias ajudarem as pessoas ao seu redor — essa rede de solidariedade entre as pessoas da Vila, perceptível através do discurso das mulheres idosas, é muito intensa, e a troca de favores parece ser grande entre elas e as pessoas que as circundam —, provavelmente pelo fato de vivenciarem situações semelhantes. Vejamos o exemplo dado por este depoimento:

Ah, tudo bem... Num vê? As mulher, quando me chama, é tudo 'vó', 'minha vó', 'minha vó'... Não, eu não tenho o que lhe dizer desse pessoal daí, ninguém. Não tenho o que dizer, não; pra mim, são ótimas pessoas. Eles cheiram cola, mas não me

aperreia em nada, e nem eu tenho abuso deles não. Podendo dar qualquer coisinha a eles, dou. Meu menino, às veze, chega sete e meia, nove e meia da noite, ainda tem dois, três marginais na rua chegando: 'Zé, me dá um pão.'. 'Ai, Zé entra: 'Mãe, tem pão por aí?'. 'Pra que tu quiere pão?'. 'Os menino me pediram pão'. 'Ah, num tem pão, não; leva esse restinho de bolacha, leva, leva, leva!' E eles come, bebe água e vão dormir na calçada. Não tenho o que dizer desse povo daí, não. Ninguém; nem velho, nem novo, não. Porque eu sei viver. Eu sei viver. Eu só reclamo aos menino sacudindo as lagatixa, mas, mesmo assim, eu reclamo direitinho: 'menino, o que é isso? Deixa as pobre das lagatixa vivê!' (J., 67 anos)

Já nas relações intrafamiliares, é notória a ambivalência diante do crescimento dos filhos e à liberdade adquirida. Isso se torna compreensível quando se pensa no lugar destinado historicamente às mulheres, o espaço privado, no intuito de assegurar aos homens o espaço público. Daí por que as mulheres ainda têm em seu imaginário que o ser mulher é resignar-se tão-somente ao lar e à família. Dessa forma, vê-se que esse sofrimento em face da busca da constituição das próprias famílias, pelos filhos, encontra a sua justificativa no investimento maciço feito por aquelas mulheres idosas, culturalmente incrementado pelo ainda ideal feminino, que é o da maternidade, ante as poucas opções que elas tiveram em sua juventude.

A maioria dessas mulheres tinha que dar conta da vida pública também, o que aumenta mais ainda os esforços em prol da sobrevivência de suas famílias, como se vê nos seguintes depoimentos:

Eu mesmo vô dizê: eu criei meus filho sozinha — eu e Deus. Criei eles tudinho sozinha, sem o marido, adespoi ele morreu... eu já tinha deixado ele há muito tempo. Meus menino é tudo sofredor dos nervo por causa dele. É. Ai, eu disse: 'um dia eu descanso, um dia eu descanso desse home pra sempre. Uma vez, ele fez as trouxa e foi-se embora pra Paraíba. Foi e me deixou com os filho tudinho. Quando

A Mulher Idosa da Vila de Santa Luzia: um ensaio sobre identidades e representações sociais

Daniella R. de Farias

deu fé, ele chegou. Eu disse: 'tu fez e entrou e eu vou fazer pra sempre'. Era muito opiniosa naquele tempo! (C., 60 anos)

À partida dos filhos elas acabaram sendo expostas a uma ausência de sentido, já que suas vidas eram basicamente construídas sobre e naquela relação mãe-filho(a):

(...) porque eu vivia muito presa a eles. Eu sempre fui muito presa a eles, entendeu? Porque eu criei eles, posso dizer que o pai e a mãe deles fui eu, porque eu deixei meu esposo, meu caçula tava com três anos de idade. Hoje ele está com trinta anos, entende? Aí, eu fiquei presa, presa mesmo. Agora que eu tô começando a tomar uma asinha, entendeu? Agora que tô começando a criar asa, como diz a história. Passarinho quando sai do ovo, né? Vai crescendo, crescendo né? Começa a criar as asinhas, aí, depois voa. É isso que parece vai chegar pra mim. Agora já estou começando a soltá um pouquinho, entendeu? (E., 57 anos)

Entretanto, essa tão sonhada liberdade, que lhe foi usurpada tanto pela cultura machista, que a impedia de soltar-se, quanto pela necessidade de cuidar de seus filhos, parece não ser mais tão prazerosa ou já não ter tanta importância quanto os filhos. Vejamos esse movimento ainda no depoimento de E., 57 anos, quando comenta sobre a parte ruim da velhice:

(...) os próprios filhos hoje não dão valor aos pais, porque são velhos, entendeu? Não procura sair com os pais pra parte alguma. Só quer que os pais, porque é velho, viva dentro de casa, né? Somente lavando e cozinhando pra eles. Num saem comigo de jeito nenhum, nunca saíram. Parece uma mentira! Nunca, nunca, nunca. Esse mesmo que ainda mora aqui, ele nunca me diz nem pra onde é que vai. Eu só sei pela boca da mãe da namorada dele. (...) Tá vendo? É assim. Só tem uma filha que é por mim, essa que mora no Dois Carneiros.

A restrição ao espaço doméstico a que elas foram submetidas revelou-se também quando dez informantes disseram

que o homem envelhece mais do que a mulher por causa de "extravagâncias" (sic.), que foram explicadas como o beber, o fumar, o sair à noite. Fica clara aí mais uma estratégia de manutenção da mulher em casa, através da idéia — bastante difundida — de que o sair envelhece, "acaba" a pessoa. O depoimento de A., 61 anos, traduz esta perspectiva:

Extravagância é beber, é fumar, se preocupar demais, jogar, não perder nada (...) mas eu sempre fui uma pessoa calma, que quando eu era nova, adolescente, eu era calma, e ainda houve isso tudo na minha vida! Avalie se eu não fosse calma, hein? Com o maior cabresto do pai e mãe. Era... Hoje é que é pior porque adolescente nenhum escuta pai e mãe.

Porém, segundo catorze das entrevistadas, a mulher envelhece mais rapidamente que o homem, em sua maioria porque ela teria que responsabilizar-se pela família ou dividir-se entre trabalho em casa e na rua — ou até porque o homem teria mais liberdade —, como sugeriram J., 67 anos, e E., 57 anos, respectivamente:

(...) acho que a mulher enfraquece mais que o homem. Porque a mulher tem filho, quebra cabeça mais que o homem. O homem só tem conta do trabalho, pra botar as coisas em casa. E mulher é pra tudo, a mulher é pra tudo. A mulher trabalha em casa, trabalha fora, de todo jeito, né? (...) eu mesma nasci e me criei, trabalhei tanto, tanto, que tem hora que eu digo: 'mas, meu Deus do céu, eu num sei como é que eu ainda tô viva!' Porque eu trabalhei que nem bicho, a vida da gente foi que nem bicho bruto, era no pesado. Balagem de mandioca, que quando sacudia lá o pescoço, ninguém sabia onde tinha cabeça!

A mulher não tem a liberdade que o homem tem, de maneira nenhuma. O homem é liberto, é livre. O homem sai, mexe, remexe, e o que é que acontece? Nada pega no homem, a não ser que eles faça coisas erradas. Mas a mulher, por exemplo, se eu fosse sair hoje, né? E passar dois três dias fora? Quando eu chegar, tão pensando

alguma coisa mal de mim, não é isso? Não querem saber que eu fui pra casa de um filho, não querem saber que eu fui pra casa de um parente, não querem saber, não é isso? O homem não. O homem é livre pro que der e vier. Até na velhice eles são mais libertos, entendeu?

Outras reclamam da solidão, e dizem que essa é a pior parte da velhice, como E., 59 anos, que disse sentir-se velha por causa do sentimento de solidão, que, além da partida dos filhos, que vão constituir família, é caracterizada pela morte do companheiro ou por não sentir-se mais em condições de casar-se novamente, como disse H., 67 anos:

Às veze, quando é uma pessoa que é isolada, não quer mais ninguém, num quer se casar, nem se amigar, só qué viver só. Eu acho que uma velhice dessa é uma velhice muito ruim, né? Você não acha?

Assim, nota-se que uma boa parte dos problemas que dizem respeito às relações que essas mulheres estabelecem remete às relações de gênero. O não possibilitar-se um novo relacionamento amoroso lembrá-nos que a moral vitoriana ainda controla a vida das mulheres, excluindo-lhes outras possibilidades.

## 5. Conclusão

Ante o objetivo desta pesquisa de investigar a forma como se dá a construção da identidade da mulher idosa da Vila de Santa Luzia, deparamo-nos com a possibilidade de abstrair quatro significações ou representações sociais a partir das quais a velhice torna-se compreensível para as trinta informantes. Assim, a explicação do envelhecimento e de suas circunstâncias é atuada, ou seja, após ser acolhida e tomada para si, sob a forma de identidade, a situação da velhice, é portanto, interpretada no palco de suas vidas.

Entretanto, os papéis são restritos (daí a sua aparência homogênea), e se natu-

ralizam, perdendo o caráter histórico, pela freqüência com que foram atuados, de modo que se perde de vista a sua gênese. E é aí, então, que se encontra o seu viés ideológico, visto que ao impor-lhe um aspecto destacável de qualquer construção histórica, ou seja, de qualquer contexto, as circunstâncias da velhice perdem a oportunidade de ser alteradas, repetindo-se sucessivamente.

Assim, em sentido amplo, obteve-se quatro significações à velhice entre as mulheres de Santa Luzia, que apareceram, de um modo geral, inter cruzando-se, a saber: uma *significação diacrônica*, que fala de uma Memória-Ser, ou seja, de uma identidade que se constitui sobre um passado que se atualiza e que torna viável o futuro, ao projetar-se nele como um *continuum* histórico e identitário, cheio de valores.

Uma *significação ocupacional*, que traz o parar de trabalhar somado à impossibilidade de voltar ao mercado de trabalho, como um marco à velhice — revelado inclusive pelo fato de que mulheres de pouco mais que cinqüenta anos já se definissem como idosas — implicando vários ônus, entre os quais a retirada de uma importante fonte de satisfações concretas e/ou simbólicas, uma piora na qualidade de vida dessas pessoas e a ansiedade pela aposentadoria.

Uma *significação somática*, que revela o sofrimento pela decadência do corpo e pela percepção do surgimento de limitações físicas e psíquicas e, de doenças que são mais prováveis na velhice, acrescidas de enfermidades de conotação psicossomática. Desse modo, a velhice é percebida como doença, o que acaba por trazer àquelas mulheres um sentimento de regressão ao levá-las, por esse motivo, em maior ou menor grau, à dependência dos outros.

E, por fim, a *significação relacional*, que remete ao sentimento de solidão e à ambivalência diante do crescimento dos

filhos *versus* a possibilidade de uma maior liberdade, que traz consigo, fortemente, aspectos relacionados às questões de gênero.

Percebe-se, então, exemplificando, que, em face da significação diacrônica, surge a mulher velha (tempo), com uma *longa história vivida*; à significação ocupacional, aparece a imagem da mulher *ociosa*; à significação somática, tem-se a idéia da mulher *doente e cansada*; e, finalmente, à significação relacional, apresenta-se a figura da mulher *só e desamparada*. São, notoriamente, clichês que se repetem através da história e de seus discursos, mostrando o modo como tais mulheres se vêem e se comportam.

Assim, percebe-se que os clichês que levam a esse entendimento da velhice, clichês esses que são atuados sob a forma dos papéis ou das identidades pressupostas acima citadas, são hegemonicamente encontrados junto àquelas trinta mulheres idosas entrevistadas e/ou às mulheres participantes do grupo de idosas. Nota-se,

portanto que, apesar das idiosincrasias, há uma semelhança imensa no modo como tais mulheres conceituam e/ou justificam a velhice e na forma como se autodefinem, de modo que essas representações sociais ou significações da velhice acabaram sendo reproduzidas e compartilhadas em suas vidas.

Concluiu-se, desse modo, que as mulheres idosas da Vila de Santa Luzia utilizam-se em sua cotidianidade dessas identidades pressupostas, limitando-se a adaptar-se a elas, de um modo geral, alienadamente. Por esse motivo, acabam alijadas do direito de optar, tanto por causa do restrito campo de possibilidades oferecido às minorias (por razões ideológicas), quanto porque é provável que tais mulheres se sintam impelidas a usar desses protótipos identitários diante da angústia de sentirem-se desviantes e/ou transgressoras, como vimos em alguns depoimentos, e, conseqüentemente, excluídas do convívio comunitário.

A mulher idosa da Vila de Santa Luzia: um ensaio sobre identidades e representações sociais

Daniella R. de Farias

Notas

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – Pibic –, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, através da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – Facepe.

<sup>2</sup> “As *satisfações concretas* dizem respeito à proteção da vida, ao bem-estar físico, biológico e nervoso, isto é, à saúde do corpo. Estas *satisfações concretas* analisam-se em termos de economia psicossomática, segundo duas linhas

diretrizes: subtrair o corpo à nocividade do trabalho e permitir ao corpo entregar-se à atividade capaz de oferecer as vias melhor adaptadas à descarga de energia. (...) As *satisfações simbólicas*: (...) trata-se da vivência qualificativa da tarefa. É o sentido, a significação do trabalho que importam nas suas relações com o desejo. Não é mais questão das necessidades como no caso do corpo, mas dos desejos ou das motivações. Isto depende do que a tarefa veicula do ponto de vista simbólico” (Dejours, 1987:62).

A Mulher Idosa da  
Vila de Santa Luzia:  
um ensaio sobre  
identidades e  
representações  
sociais

Daniella R. de Farias

## Bibliografia

- ALBORNOZ, S. (1988). *O que é trabalho*. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- BRANCO, A. M. (2000). *Mulheres da Seca: luta e visibilidade numa situação de desastre*. João Pessoa: UFPB – Ed. Universitária.
- BEAUVOIR, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BELO, I. (1990). *Lacunas do óbvio: conteúdos sócio-políticos do processo do envelhecimento e da institucionalização do idoso*. Recife: UFPE (Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Sociologia).
- BRANDÃO, C.R. (1986). *Identidade e Etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: SP, Ed. Brasiliense.
- CAMPOS, M.H.F(org.) (1996). "Psicologia comunitária, cultura e consciência". In: *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (1998). "O lugar – e em lugar – do método". In: *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Editora Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp.
- CHAUÍ, M. S. (1988). *O que é Ideologia*. 27 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- CIAMPA, A.C. (1987). *A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- \_\_\_\_\_. (1987). "Identidade". In: LANE, S.T.M. & CODO, W. (org.). *Psicologia social: o homem em movimento*. 7 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense.
- COSTA, J.F. (1989). "Psicoterapia e Doenças dos nervos". In: *Psicanálise e contexto cultural*. Rio de Janeiro: Editora Campus.
- \_\_\_\_\_. (1991). "Um País que se Dissolve por Dentro." In: *Cadernos CRP-06*. Publicação do Conselho Regional de Psicologia – 6 Região. São Paulo, (?).
- \_\_\_\_\_. (1993). "Prefácio". In: CODO, Wanderley (org.). *Indivíduo, trabalho e sofrimento. Uma abordagem interdisciplinar*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- DEJOURS, C. (1987). *A loucura do trabalho*. São Paulo: Oboré Editorial.
- DURKHEIM, E. (1978). "O Suicídio – estudo sociológico." In: *Coleção Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- FREUD, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GUARESCHI, P.A. (1996). "Relações comunitárias. Relações de dominação". In: CAMPOS, M.H.F(org.) et al. *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.
- HAGUETTE, T.M.F. (1992). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: RJ: Vozes.
- HELLER, A. (1970). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Ed. Paz e Terra S/A.
- LABURTE-TOLRA, P. & WARNIER, J.P. (1997). "Etnologia atual". *Etnologia – Antropologia*. Petrópolis: RJ: Vozes.
- MANNHEIM, K. (1993). *El problema de las generaciones*. Reis: Madrid, n. 62, p. 192-242.
- MARTINS, A.F. (1996). "Dos avessos da imagem: bleu, blanc, rouge". In: *Cinema em azul, branco e vermelho: a trilogia de Kieslowsky*. Rio de Janeiro: Sette Letras.
- MOREIRA, M. M. (1998). *O envelhecimento da população brasileira: intensidade, feminização e dependência*. RBEP, Brasília, v. 15, n. 1, jan/jun., p. 79-94.
- MOSCOVICI, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar editores.
- QUINTAS, F. (1986). *Sexo e Marginalidade. Um estudo da sexualidade feminina em camadas de baixa renda*. Petrópolis: Vozes.
- SALLES, R.P.S. (1998). "Como a representação social pode ajudar na prevenção das doenças". In: BRANDÃO, M.<sup>ª</sup> C.; MOTTA, R.; MOTTA, A.C. *Revista Antropológicas - Antropologia: Memória, Tradição & Perspectivas*. Revista da Pós-graduação em Antropologia da UFPE, ano III, vol. 7, Série Anais (Anais do V Encontro de Antropólogos do Norte Nordeste).
- SCOTT, J. (1989). *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Trad. Dabat, C.R. e Avila, M.B. New York, Columbia University Press.